

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

GABRIELA PIRES KLASSMANN

**VIVER X ANALISAR: O NARRADOR DE CARLOS DRUMMOND DE  
ANDRADE NAS SUAS CRÔNICAS SOBRE FUTEBOL**

PORTO ALEGRE  
2021

GABRIELA PIRES KLASSMANN

**VIVER X ANALISAR: O NARRADOR DE CARLOS DRUMMOND DE  
ANDRADE NAS SUAS CRÔNICAS SOBRE FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como  
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada  
em Letras.

Orientador: Antonio Marcos Vieira Sanseverino

PORTO ALEGRE  
2021

### CIP - Catalogação na Publicação

Klassmann, Gabriela Pires

Viver x analisar: o narrador de Carlos Drummond de Andrade nas suas crônicas sobre futebol / Gabriela Pires Klassmann. -- 2021.

35 f.

Orientador: Antônio Marcos Vieira Sanseverino.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Crônica. 2. Futebol. 3. Carlos Drummond de Andrade. 4. Brasilidade. 5. Drible. I. Sanseverino, Antônio Marcos Vieira, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe pelo apoio incondicional, pela responsabilidade e pelo carinho durante a minha vida inteira, inclusive ao longo da graduação e da realização deste trabalho. Agradeço a ela também por ter me ensinado a valorizar a educação e por ter priorizado a minha e do meu irmão mesmo nos momentos mais difíceis.

Agradeço à minha mãe e à minha avó Leda por serem meus exemplos de força.

Agradeço ao meu irmão por me acalmar inúmeras vezes ao longo da graduação com seu olhar pragmático sobre as coisas. Agradeço a ele também por ter me ajudado a aprender a ler, por ter me levado pela primeira vez na Arena e agora por me proporcionar a alegria de ser tia!

Agradeço aos amigos que encontrei na graduação e com quem ainda aprendo muito: Álvaro, Amelia, Elisa, Laura, Matheus, Morgana e Murilo. Agradeço em especial à Laura, com quem dividi um estágio de muitas realizações, e à Morgana que me mostrou que eu era capaz de realizar este trabalho.

Agradeço às minhas deusas, as amigas Alice, Ana, Giovana, Laura e Luísa por me acompanharem desde a época do colégio, sempre me ajudando a resistir al viento fuerte.

Agradeço ao Bruno pelo incentivo e pela confiança e por dividir comigo a paixão pelo Grêmio FBPA.

Agradeço a todos que dividem comigo essa paixão pelo tricolor gaúcho, em especial, minhas fiéis companheiras de jogo, Vitória e Fabyanna, meu pai, meu irmão, a dupla sem defeitos Fabi e Pepe, e novamente Morgana e Murilo.

Agradeço ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e a todos que fizeram e fazem parte de sua história. Agradeço especialmente à dupla de zaga Geromel e Kannemann que me encanta por jogar tanto futebol-prosa quanto futebol-poesia, e honrar as cores do meu clube do coração dentro e fora de campo.

Agradeço ao Apolo por cumprir seu papel de gato, me fazendo companhia nas madrugadas de estudo e trabalho.

Agradeço à minha psiquiatra Laura pela disposição, pela competência e pelo nosso esforço conjunto para que eu superasse uma depressão e conseguisse concluir não só este trabalho, mas todo o curso de graduação.

Agradeço ao Colégio de Aplicação da UFRGS e às professoras Daniela e Rita pelas experiências formadoras maravilhosas.

Agradeço aos meus (ex)alunos, que são minha principal motivação para seguir a carreira docente.

Agradeço infinitamente ao meu orientador Antônio pela calma reconfortante, pela paciência e, claro, por tornar este trabalho possível.

Agradeço aos meus professores de graduação pela formação excepcional que me proporcionaram, especialmente meu orientador Antônio, Ian, Guto, Márcia Ivana, Marta, Homero, Luciene, Svenia, Liliam, Cláudio e Sandra.

Agradeço ao meu professor de Literatura do Ensino Médio, Brum, por ter despertado em mim as vontades de cursar Letras e de ser professora.

Agradeço à UFRGS por ter me proporcionado um ensino de excelência. E espero que ela sobreviva aos ataques que tem sofrido por parte do governo e da onda tenebrosa de culto à ignorância que tem se alastrado pelo Brasil.

*"Pelé, Garrincha e Dadá tinha de ser currículo escolar."  
Dadá Maravilha (Dario José dos Santos)*

## RESUMO

Apesar de ser mais conhecido e conceituado como poeta, Carlos Drummond de Andrade foi também exímio cronista, produzindo textos para diferentes jornais do país ao longo de seis décadas. Suas crônicas sobre futebol, publicadas principalmente no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil* e reunidas mais tarde por seus netos Luís Maurício e Pedro Augusto Graña Drummond no livro *Quando é dia de futebol*, cobriram as nove Copas do Mundo que viveu e outros tantos acontecimentos do mundo da bola, bem como o contexto sócio-histórico e as implicações de cada um desses eventos para o Brasil. Partindo das características da crônica, estabelecendo paralelos entre esse gênero e a prática social do futebol e centrado no conceito do drible as especificidades que tanto a crônica quanto o futebol desenvolveram no Brasil, este trabalho busca compreender a posição do narrador-cronista de Drummond nos seus textos sobre o esporte. Narrador-cronista este cuja peculiaridade é se interessar pelo futebol e pela cultura que o envolve a ponto de escrever consideráveis vezes sobre o assunto, sem, no entanto, ocupar a posição de torcedor, de forma que apresenta um distanciamento afetivo e uma ironia aguda que seriam impossíveis para qualquer torcedor apaixonado.

**Palavras-chave:** Crônica. Futebol. Carlos Drummond de Andrade. Brasilidade. Drible.

## ABSTRACT

Although Carlos Drummond de Andrade is better known and appreciated as a poet, he was also a distinguished chronicler, who wrote texts for many different Brazilian newspapers throughout six decades. His chronicles about football, published mainly by *Correio da Manhã* and by *Jornal do Brasil* and gathered later in a book - *Quando é dia de futebol* - by his grandsons Luís Maurício and Pedro Augusto Graña Drummond, included not only the nine World Cups that the author lived to see and a variety of other events of the football universe, but also the socio historical context and the implications of each one of these occurrences to Brazil. Beginning with the characteristics of the genre chronicle, then establishing parallels between this genre and football and also dealing with the particular aspect that both chronicle and football developed in the Brazilian context centered around the concept of dribbling, this piece of work aims at understanding the position of Drummond's narrator in his chronicles about the sport. A narrator whose peculiarity is being interested in football to the point of writing rather frequently about it and its culture without being a real fan of the sport, which results in an emotional distancing and a sharp irony that would be impossible for a football devotee.

**Keywords:** Brazilian Chronicle. Football. Carlos Drummond de Andrade. Brazilian Identity. Dribbling.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1 DRUMMOND E A CRÔNICA</b>	<b>11</b>
<b>2 A TAÇA DO MUNDO É NOSSA... E A CRÔNICA TAMBÉM</b>	<b>16</b>
<b>3 A POSIÇÃO DO NARRADOR-CRONISTA EM DRUMMOND</b>	<b>24</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

Drummond. Crônica. Futebol. O ponto de partida para a ligação entre os três elementos constituintes deste trabalho foi completamente passional. O recorte veio da escolha de obedecer à vontade pessoal de escrever sobre o que gosto, tentando incorporar também as forças que me movem. Assim, na dualidade de viver x analisar, trazida aqui para pensar a posição no narrador-cronista de Drummond em suas crônicas sobre futebol, a parte de "viver" se realizava há anos. Se realizava em cada linha de Drummond e de crônica que lia e em cada performance do meu tricolor a que assistia, fosse ao vivo ou pela televisão. Restava então complementar a vivência com a análise para transformar meus sentimentos em conhecimentos, de forma a traduzi-los para a língua verbal para que pudessem ser compartilhados em forma de texto.

Na primeira leitura do *Quando é dia de futebol*, as paixões já ganharam a companhia da curiosidade. Curiosidade de entender de forma mais profunda o que estava naquelas páginas, de descobrir se minhas primeiras intuições a respeito daquelas crônicas se confirmariam ou se seriam refutadas pelos estudos subsequentes ou pela comparação às análises de outras pessoas e de descobrir como a matéria das crônicas se relacionaria com o mundo, tanto o meu, atual, quanto o que as produziu.

Essas curiosidades iniciais foram satisfeitas e resultaram nos três capítulos deste trabalho. No primeiro, tem-se um apanhado dos mais de sessenta anos de produção de Drummond na imprensa como cronista, de características gerais da crônica e da crônica modernista e da relação deste gênero com a imprensa. No segundo, traçam-se vários paralelos entre a crônica e o futebol, sendo os dois principais a aclimação no Brasil, embora fossem estrangeiros na origem, e a característica particular que desenvolveram no Brasil baseada na ideia do drible, da ginga, do logro magnífico. Neste capítulo, apresenta-se também algumas relações dos dois objetos de estudo com alguns elementos sócio-históricos externos a eles. No terceiro capítulo, resolve-se a questão posta no título do trabalho através da análise de quatro crônicas de Carlos Drummond de Andrade: "Enquanto os mineiros jogavam", "Celebremos", "Mané e o sonho" e "O importuno".

À medida que as curiosidade iniciais foram sendo contempladas pela pesquisa, novas perguntas tomaram-lhes o lugar. Essas curiosidades em aberto compõem as considerações finais.

Em algum ponto da trajetória, juntou-se à paixão e à curiosidade, o incômodo. Incômodo de perceber que a matéria da minha investigação, principalmente a parte do futebol, encontrava certo desprezo nos ambientes acadêmicos ainda hoje. Mas, naquele momento, minha resposta a essa resistência ainda era bastante intuitiva: apenas sentia que se algo é relevante para uma quantidade exorbitante de indivíduos, talvez não mereça a paixão, e isto não é um problema, mas definitivamente merece a atenção daqueles que se dedicam à construção do conhecimento. Hoje tenho como certeza que tanto a crônica quanto o futebol merecem espaço na escola e também na academia. É extremamente necessário que os ambientes em que se desenvolve conhecimento não desumanizem, ignorem ou rejeitem o que é próprio da sociedade a que pertencem, mas, ao contrário, o acolham e busquem compreendê-lo, mesmo que não concordem com a prática em questão: negar a existência de algo, não o anula, só coloca quem negou na posição de ignorante. E é isso que tem acontecido em grande medida. Portanto, é imprescindível e urgente aproximar o que a academia pesquisa do que a escola ensina, e aproximar ambos da realidade em que a academia e a escola estão inseridas.

Aplicando essa premissa ao tema do trabalho, no caso da crônica,

O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do progresso de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor. (CANDIDO, 1993b, p. 25).

Este caráter humanizador da crônica, ao meu ver, já justifica seu estudo e seu uso nas escolas. Mas, para além disso, tanto o futebol quanto a crônica dizem muito sobre a formação, características e modos da sociedade brasileira, e por isso devem ser estudados, contribuindo para o nosso autoconhecimento como nação, bem como para o fim da valoração das culturas:

A discrepância aparentemente aberrante da comparação entre o escritor e o jogador de futebol contém nela mesma o xis do problema: ambos são necessários para que se formule a trama de um país mal letrado e exorbitante, cuja destinação passa pelas reversões entre a "alta" e a "baixa" cultura, pelo confronto e pelo contraponto das raças, pela palavra e pelo corpo, e cuja "formação" não poderia se dar apenas na literatura: o ser brasileiro pede minimamente - para se expor em sua extensão e intensidade - a literatura, o futebol e a música popular. (WISNIK, 2008, p. 404-405).

O resultado desta trajetória do "viver" até o "analisar" está nas páginas que seguem.

Que comece a partida!

## 1 DRUMMOND E A CRÔNICA

Quando falamos em Carlos Drummond de Andrade, logo vem à mente a "pedra no meio do caminho" ou o "mundo, mundo, vasto mundo". No entanto, este trabalho lança o olhar sobre outra face do consagrado escritor: a de prosador, mais especificamente, cronista. Embora a produção em prosa não seja o destaque da obra drummondiana, ela foi vasta e significativa. Drummond trabalhou ao longo de sua vida em diferentes jornais do país, desde pequenos diários locais do seu estado, Minas Gerais, como o *Diário de Minas* até jornais de projeção nacional, como o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. Trabalhou como auxiliar de redação, como redator e, brevemente na *Tribuna Popular*, até como editor. A sua produção de crônicas nos jornais aumentou ainda após a sua aposentadoria como funcionário público da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) em 1962. Mais tarde, no *Jornal do Brasil*, o autor publicava três vezes na semana. O *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil* contaram com Drummond como redator - publicando poemas e crônicas - por 15 anos cada, até que ele optou por encerrar sua trajetória na imprensa, e o fez com grande estilo e dignidade: publicando uma crônica de despedida, a famosa "Ciao", em 1984. Apesar da sua longa e frutífera trajetória na imprensa, o autor, em entrevista a O Estado de S. Paulo (1985), afirma que não se realizou como jornalista (p. 154). É fato, pois o fez como cronista, e a crônica é em parte jornalismo, mas a outra parte - arrisco dizer que a maior parte, pelo menos nas crônicas bem sucedidas - é literatura.

Esse caráter híbrido da crônica mostra-se desde a origem do gênero, como explicita Candido ao recuperar o desenvolvimento do folhetim até se tornar crônica:

Antes de ser crônica propriamente dita, foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia - políticas, sociais, artísticas, literárias. [...] Aos poucos o folhetim foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar com a de divertir. (CANDIDO, 1993b, p. 24-25).

A crônica se afastou principalmente da função de informar, já a de comentar, embora ainda se faça presente, perdeu o protagonismo para a de entreter. Contudo, o gênero não perde totalmente o viés jornalístico, primeiro porque, em meio a sua ficcionalização do cotidiano, acaba informando e registrando inúmeros acontecimentos, mesmo que essa não seja a sua

principal intenção, como mostra o terceiro capítulo deste trabalho; segundo porque seu suporte segue por décadas sendo o jornal, e portanto a existência da crônica permanece condicionada à imprensa. Duarte, ao analisar parte da produção de Machado de Assis como cronista, traz que "A trajetória machadiana aponta para um universo em que imprensa e literatura são não apenas mundos limítrofes. Mais que isto, formam universos profundamente imbricados um no outro [...]" (DUARTE, 2009, p. 31). Como Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade não foram contemporâneos, esse entrelaçamento entre imprensa e literatura não é exatamente o mesmo no contexto de produção de um e de outro, sendo mais forte na época de Machado, em que textos de folhetim tornavam-se inclusive romances. Todavia, especificamente no caso da crônica o limite entre os dois universos manteve-se tênue até os anos de Drummond e mesmo para além dele.

Por ser "filha do jornal e da era da máquina" (CANDIDO, 1993b, p. 24), em que a fugacidade predomina, seria esperado que a crônica fosse um texto extremamente efêmero, que se tornasse datada ao final de cada dia e sofresse o destino do descarte e do esquecimento, da mesma forma que ocorre com as folhas de jornal que lhe servem de suporte. A característica jornalística da crônica de trazer acontecimentos cotidianos como base para as reflexões do narrador-cronista aumenta esse risco, pois, se o autor se atém demasiadamente ao ocorrido e não desenvolve sua reflexão para além dele com a devida profundidade e com um qualificado trabalho de linguagem, acaba produzindo um texto verdadeiramente gratuito e irrelevante fora de seu contexto socio-histórico imediato. De fato, é o que ocorre com parte das crônicas; não com as bem elaboradas, o que evidencia que este não é um problema atrelado ao gênero em si, mas sim à incompetência do autor, adversidade que pode se apresentar em qualquer gênero discursivo. Uma infinidade de crônicas, embora sob risco pelo caráter jornalístico, sobrevivem ao tempo justamente pela predominância de seu caráter literário, pelo que elas apresentam de investimento estético e poético, como defende Arrigucci:

Não raro ela [a crônica] adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. Então, a uma só vez, ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfârelando-se na direção do passado. (ARRIGUCCI, 1987, p.53).

Este definitivamente é o caso das crônicas de Carlos Drummond de Andrade, visto que muitas delas perambulam até hoje pelas páginas da internet e pelas salas de aula do país, além das que foram reunidas em livro ao longo da vida do autor e também postumamente, como é o caso das crônicas e poemas sobre futebol reunidos pelos netos do autor - Luis Mauricio e Pedro Augusto Graña Drummond - no livro *Quando é dia de futebol* (2014).

Mesmo contando com exemplares que transbordam literariedade, encontrada no rigor do trato do conteúdo e da linguagem, a crônica ainda é vista como um "gênero menor" em relação ao romance, ao drama e à poesia, tidos como os "gêneros maiores" (CANDIDO, 1993b, p. 23). Em seu ensaio "A vida ao rés-do-chão" - um dos mais relevantes textos já escritos sobre a crônica brasileira - Candido traz essa reflexão justificando a condição de gênero menor da crônica pela despreensão que ela apresenta e pela sua proximidade em relação ao dia-a-dia das pessoas comuns, em oposição à pompa dos ditos gêneros maiores. O autor defende ainda que ser um "gênero menor" é na verdade uma vantagem tanto para os leitores, pois aproxima a crônica (e a literatura) deles, quanto para o próprio texto que, despreocupado com sua permanência ou grandiosidade, ganha espaço para complexificar outros aspectos, sobretudo a agudeza de suas análises:

Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 1993b, p. 23).

Embora Candido valorize a humanização do gênero e afirme que a linguagem mais simples possa ser uma virtude - e que, no caso da crônica, em geral, o é - a palavra "menor" para categorizá-la ainda parece um tanto pejorativa. Me parece que essa escolha ecoa, ao fundo, uma visão elitista a respeito da literatura, que deixa de exaltar, em certa medida, a produção de um gênero inteiro, um gênero bastante diverso, e o faz (in)justamente por ele se aproximar, por meio do tipo de uso que faz da linguagem, dos leitores comuns. Vale notar que esse discurso se assemelha em parte ao daqueles que desprezam o futebol - sem conhecer ou compreender o mínimo a respeito do esporte e de suas inúmeras implicações - simplesmente por ele ter se tornado um fenômeno popular, não no sentido de massificação, mas no de abranger classes sociais mais baixas. O estreitamento da afinidade entre o leitor de jornal e o texto literário proporcionado pela crônica consiste num dos seus maiores méritos, pois torna a literatura mais acessível,

mesmo que de forma acidental, visto que o alcance do jornal, que já era muito mais abrangente que o do romance, por exemplo, foi ainda ampliado quando a produção dos jornais se tornou massiva e seu custo foi conseqüentemente reduzido. Segundo o próprio Drummond (1984), o cronista comenta o dia-a-dia sem influir nele: "Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo." (ANDRADE, 1984, p.27). Drummond mostra a humildade e a despreensão do gênero, que não almeja a permanência, e ilustra o leitor que dispõe apenas de minutos para a leitura do jornal em meio a seus afazeres diários. Entretanto, o gesto do autor torna-se dissimulado se considerarmos que a completa isenção de influência da crônica no cotidiano é impossível, visto que, no mínimo, vai impactar o cotidiano do leitor, tomando-lhe mesmo que poucos minutos para direcionar seu olhar a algum acontecimento da vida, o que remete à elaboração de Barthes de que a língua está inescapavelmente a serviço de algum poder (BARTHES, 1977, p. 13).

Na crônica modernista, esse movimento de aproximação entre o texto literário e o cidadão comum ganha certa intencionalidade por meio de características linguísticas como "a decisiva incorporação da fala coloquial brasileira, que se ajustava perfeitamente à observação dos fatos da vida cotidiana, espaço preferido da crônica" (ARRIGUCCI, 1987, p. 62). Como coloca o autor, a linguagem utilizada nas crônicas passa a corresponder ainda mais à sua principal matéria: o cotidiano. Outro aspecto da crônica modernista trazido por Arrigucci (1987) é o de buscar dar conta dos elementos da modernidade advindos da industrialização brasileira dos anos 1930 equilibrando-os com o uso de um narrador que lembra o tradicional contador de causos do mundo rural. A crônica modernista era portanto "provinciana e moderna a uma só vez" (ARRIGUCCI, 1987, p. 63), refletindo a realidade do Brasil, cuja modernização nos centros urbanos não encontrava o mesmo ritmo nas margens - ou seja, na maior parte - do país. Candido também explora essa dualidade entre o tradicional e o moderno na crônica modernista ao analisar semelhanças na expressão de dois cronistas: "Tanto em Drummond quanto nele [Rubem Braga], observamos um traço que não é raro na configuração da moderna crônica brasileira: a confluência, na maneira de escrever, da tradição, digamos clássica, com a prosa modernista." (CANDIDO, 1993b, p. 26). Candido argumenta que esta maneira de escrever foi cultivada em Minas Gerais por vários autores que nasceram e/ou viveram por lá nessa época, como é o caso do itabirano Drummond. O autor afirma que há na prosa dos mineiros contemporâneos de Drummond -

e mesmo na de alguns que vieram depois dele - um ar de familiaridade na escrita, apesar de cada um ter também suas particularidades (CANDIDO, 1993a, p. 11-13). Para falar das especificidades do cronista Drummond, sintetizando a incorporação da linguagem coloquial ao texto, a influência do tom da prosa mineira e o contraste entre o clássico e o moderno, Candido afirma que o itabirano tem

[...] o dom de uma prosa lírica e firme, correta sem afetação, que foi ganhando transparência mágica e ultimamente sabe incorporar com naturalidade o que há de mais expressivo nos torneios coloquiais e no vocabulário da nossa língua em mudança rápida. A partir da matriz possivelmente mineira, Drummond extraiu de um corte clássico do idioma os movimentos mais livres. (CANDIDO, 1993a, p. 14).

## 2 A TAÇA DO MUNDO É NOSSA... E A CRÔNICA TAMBÉM

Na década de 1930, a crônica moderna, "produto sui generis do jornalismo literário brasileiro" (CANDIDO, 1993b, p. 25), se consagra no Brasil "como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas" (CANDIDO, 1993b, p. 26), evidenciando que ela já contava com o primeiro dos três pilares da noção de sistema elaborada também por Antonio Candido (2013):

[...]a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. (CANDIDO, 2013, p. 25).

O segundo também se fazia presente já nos anos 1930 e foi crescendo juntamente com as tiragens dos jornais, suporte da crônica, conforme explicitado no capítulo anterior. E o terceiro, a linguagem, já vinha de décadas antes, desde os escritos de Machado de Assis, que dão o tom da crônica brasileira que conhecemos "voltada para as miudezas do cotidiano, onde acha a graça espontânea do povo, as fraturas expostas da vida social, a finura dos perfis psicológicos, o quadro de costumes, o ridículo de cada dia e até a poesia mais alta que ela chega alcançar" (ARRIGUCCI, 1987, p. 59), mas, com as práticas modernistas, é aprimorada ao incorporar ainda mais as características da oralidade no texto. Uma vez consolidada como parte do sistema literário brasileiro, a crônica, apesar de ter sua origem na França, parece ser um gênero nosso, como atesta Candido (1993b): "No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu." (p. 24), traço compartilhado com o futebol, que tampouco é brasileiro de origem, e sim inglês, mas que, assim como a crônica, se desenvolveu no Brasil de forma tanto particular quanto produtiva a ponto de se "naturalizar" brasileiro. Essa constatação não é excludente e nem valorativa, ou seja, não pressupõe que não haja crônica ou futebol em outros lugares do mundo, nem que a crônica e o futebol brasileiros sejam superiores aos praticados em outros cantos, apenas atenta para o fato de que, no Brasil, essas duas artes têm um jeito próprio e inconfundível: uma ginga singular.

Sobre o surgimento do futebol, ainda na Inglaterra, Wisnik (2008) afirma que

O futebol configurou um novo lugar, distinto tanto das práticas aristocráticas que desdenhavam o contato físico entre adversários ou o contato direto com a bola (manipulada com bastão no caso do críquete), quanto das práticas populares que

cultuavam o embate engalfinhado entre oponentes animais ou humanos. (WISNIK, 2008, p. 88).

O autor expõe que este esporte já apresenta na sua origem, algum afastamento das práticas esportivas completamente aristocráticas, mas também se mantém distante das práticas esportivas das classes mais baixas, criando assim um esporte de meio-termo para uma classe também de meio-termo, a burguesia de jovens ingleses rebeldes, que eram ricos, ou estavam em vias de se tornarem ricos, mas não aristocratas (WISNIK, 2008, p. 88-89). Percebe-se que, embora desse um minúsculo primeiro passo em direção à cultura popular, o futebol foi constituído como um esporte bastante elitizado. Com o tempo, o esporte bretão se difundiu e se consolidou em diversos países do mundo, inclusive, claro, no Brasil. Essa difusão se deu não apenas em escala geográfica, mas também social, visto que o futebol foi amplamente adotado pelas classes mais baixas como uma de suas principais formas de lazer e de entretenimento, subvertendo sua origem elitizada. Nesse processo, tem-se o primeiro escape do futebol às lógicas dominantes, noção que será aprofundada futuramente neste capítulo. No Brasil, o futebol foi incorporado ao cotidiano tanto na prática do esporte em si quanto como fenômeno cultural, de forma que as pessoas passaram não só a jogar futebol amador no seu tempo livre, mas também possibilitaram a consolidação de um sistema de futebol profissional que contempla os mesmos termos propostos por Candido (e citados acima) para um sistema literário, fazendo as devidas adaptações: com jogadores profissionais "mais ou menos conscientes de seu papel", com um vasto público de torcedores, que não apenas assistem às partidas, mas também comentam-nas antes e depois de sua ocorrência, e, claro, com a matéria que os liga, o jogo em si, uma linguagem não-verbal, mas igualmente passível de ser traduzida em estilos. Este sistema foi tão bem sucedido que o futebol ganhou espaço significativo no imaginário popular brasileiro e também na própria representação do que é o Brasil na visão dos estrangeiros.

Além da prática do esporte e da cultura que o envolve, é notável um terceiro desdobramento do futebol no Brasil. Ele se tornou uma das raras vias possíveis de ascensão social para jovens marginalizados, principalmente negros. Todavia, Galeano (2017) relembra que nem sempre foi assim ao contar um caso de racismo em que os dois jogadores negros da seleção uruguaia, Grandín e Delgado, foram deslegitimados como uruguaio pela seleção chilena em 1916. Derrotados, os chilenos pediam a anulação do jogo, alegando que o Uruguai teria escalado dois atletas africanos - e não uruguaio,

embora os dois jogadores referidos, e os únicos negros da equipe - fossem nascidos no Uruguai e descendentes de pais e de avós também nascidos no Uruguai (p. 42). À época, a seleção uruguaia era a única em todo o mundo que contava com jogadores negros, o que parece surreal se considerarmos que poucos anos depois o futebol revelaria uma série de ídolos negros, incluindo o maior da história brasileira: o rei Pelé. É importante salientar que este processo de democratização racial do esporte não foi simples ou fácil, tampouco está completo, visto que, mesmo com a ampla presença de atletas negros em diversos clubes e seleções, infelizmente ainda nos deparamos com revoltantes crimes de injúria racial no mundo da bola, tanto por parte de torcedores (como o caso Aranha) quanto entre atletas (como o caso de Antônio Carlos contra Jeovânio).

Quanto a trajetória da célebre figura de Pelé, Galeano diz que

Había nacido en casa pobre, en un pueblito remoto, y llegó a las cumbres del poder y la fortuna, donde los negros tienen prohibida la entrada. Fuera de las canchas, nunca regaló un minuto de su tiempo y jamás una moneda se le cayó del bolsillo. Pero quienes tuvimos la suerte de verlo jugar, hemos recibido ofrendas de rara belleza: momentos de esos tan dignos de inmortalidad que nos permiten creer que la inmortalidad existe. (GALEANO, 2017, p. 152).

A ascensão que Pelé - e tantos outros jovens negros - alcançam através do futebol é um exemplo palpável das brechas que o futebol aproveita ao longo de sua história para subverter estruturas (em alguma medida, posto que não as elimina, apenas às escapa) sociais sólidas e opressoras. Nesse sentido, Wisnik aproxima as jornadas de Pelé e Machado de Assis, afirmando que eles "nos dão a impressão de *render* as condições que os geraram, como se pairassem acima delas. Render, aqui, significa submetê-las (a pobreza, o atraso, a situação periférica do país) levando-as a suas consequências máximas, e superando-as sem negá-las." (WISNIK, 2008, p. 404).

Considerando todas essas questões que permeiam o futebol como prática social no Brasil, é importante notar que

Tudo isso se dá graças à apropriação popular do jogo moderno inventado pelos ingleses, traduzido aqui, em grande parte, por descendentes de escravos que têm gana de brincar com a *obrigação*, e aos quais não faltou repertório para fazer disso um salto simbólico de expressão nacional e universal. (WISNIK, 2008, p. 172).

Esse brincar com a obrigação se desenvolve na ginga proveniente da capoeira, que transborda para o modo de ser do brasileiro, influencia sua organização social e é refletida no modo da crônica e no do futebol brasileiros. Tal ginga, no Brasil, assume o papel de

[...]performance que vai além da corporeidade para adquirir um sentido maior, de performatização identitária. Para Muniz Sodré, ela traduz em seus movimentos de negaceio e "mandinga" a síntese do que o autor define como "estratégia cultural dos negros no Brasil, num jogo de resistência e acomodação" [...] (DUARTE, 2009, p. 28).

Necessária aos escravizados na sua origem, a lógica da capoeira de engano e desengano do oponente no jogo, que se traduzia na lógica de fuga às obrigações e à condição miserável de escravizado, com o passar dos anos, foi se engendrando na cultura brasileira e produzindo consequências de diferentes dimensões. Uma delas, Wisnik (2008) recupera a partir do "homem cordial" de Sérgio Buarque de Hollanda e das análises de John Gledson sobre a crônica machadiana, passando pelo mesmo teórico, a "cultura da pessoalidade e da interpenetração festiva da casa com a rua" (WISNIK, 2008, p. 169), formativa da cultura brasileira. Wisnik argumenta que esse "nó" é ao mesmo tempo nefasto, por proporcionar "o arrepio da lei e a impunidade qualificada pelo privilégio", e frutífero por ter produzido "o samba, o futebol e a poesia modernista". Vale incluir na lista justamente a crônica, não só por ser imbuída de linguagem poética, mas também por carregar esse entrelaçamento do público e do privado ao atenuar o limite entre a figura do narrador do texto e o autor de carne e osso. Esse artifício é explicitado por Duarte ao analisar a prosa de Machado de Assis: "Exemplo nítido dessa postura está na utilização do foco narrativo em primeira pessoa, a criar a impressão de uma discursividade confessional, logo sincera, a ponto de ser confundida com a própria fala do autor." (DUARTE, 2009, p. 28), mas que se aplica muito bem ao funcionamento geral do narrador-cronista.

Mas o que, afinal, é a tão mencionada *ginga*? Para este trabalho, ela é ao mesmo tempo a mesma e três diferentes (seria a *ginga* o deus brasileiro?): uma original, da capoeira, outra, sutilmente adaptada à perspectiva do futebol e a última, aplicada ao uso da língua). Para a capoeira, a *ginga* é

[...] movimento de corpo destinado a enganar o oponente, e que traduz toda a malícia inerente à prática de dissimular os golpes em esquivos passos de dança. O praticante da capoeira usa o *gingado* ou ato de *gingar*, que consiste em bambolear o corpo para a direita e a esquerda, a fim de confundir o adversário, escapar de seus golpes, e procurar o momento e o ângulo certos para atacar. (DUARTE, 2009, p. 27).

Transferindo o conceito da capoeira para o futebol, a *ginga* pode ser traduzida em uma única palavra: drible. O drible é definido por Wisnik a partir de uma análise de um lance de Mané Garrincha: "Garrincha leva a um extremo incomum, ali [no lance descrito anteriormente], as possibilidades do drible - que é finta, negaceio, movimento que se dá e

não se dá, em fração de segundo, confundindo a expectativa do adversário e explorando essa confusão instantânea." (WISNIK, 2008, p. 270). Em seguida, o autor classifica o drible de Garrincha como sendo também o "antônimo do drible" e justifica essa análise trazendo a voz de Armando Nogueira pelo texto de Paulo Mendes Campos, que dizia que Mané, depois de suas pausas e indicações corporais para uma saída pela direita, terminava por, de fato, sair pela direita, confirmando e contrariando simultaneamente a expectativa do adversário e do público, que apesar de perceberem todas as indicações da saída pela direita, esperavam naquele momento o drible, definido pela ameaça de saída por um lado e realização pelo lado oposto, de forma que, ao desistir do drible, acabava driblando e assim causando enorme surpresa e admiração (WISNIK, 2008, p. 270-271). Garrincha, no auge de seu talento de enganador, surpreendia ao seguir pelo caminho óbvio e mesmo assim lograr seu adversário, deixando-o para trás, tentando entender o acontecido e abrindo sorrisos das arquibancadas, o que representa o mais sublime desempenho do futebol, sobretudo do futebol-arte. O jogo de futebol é, assim como a luta de capoeira para Edison Carneiro, "uma demonstração da prodigiosa agilidade do angola, que executa os movimentos corporais mais difíceis sem nenhum esforço, sorrindo." (apud DUARTE, 2009, p. 28). Ou pelo menos o é o futebol brasileiro, conhecido internacionalmente por sua alegria e ousadia, perfeitamente ilustradas pelas palavras de Galeano sobre a atuação da seleção brasileira na copa de 1970:

En el mundial de 1970, Brasil jugó un fútbol digno de las ganas de fiesta y la voluntad de belleza de su gente. Ya se había impuesto en el mundo la mediocridad del fútbol defensivo, con todo el cuadro atrás, armando el cerrojo, y adelante uno o dos hombres jugando al solitario; ya habían sido prohibidos el riesgo y la espontaneidad creadora. Y aquel Brasil fue un asombro: presentó una selección lanzada a la ofensiva, que jugaba con cuatro atacantes, Jairzinho, Tostão, Pelé y Rivelino, que a veces eran cinco o hasta seis, cuando Gerson y Carlos Alberto llegaban desde atrás. En la final, esa aplanadora pulverizó a Italia. (GALEANO, 2017, p. 157).

A respeito ainda do futebol-arte, José Miguel Wisnik (2008) recupera a interpretação que Pier Paolo Pasolini, cineasta italiano apaixonado pelo futebol brasileiro, fez desse esporte a partir da literatura pouco depois da Copa do Mundo de 1970, citada acima por Galeano. O artista compara os estilos de futebol com gêneros literários: o futebol em prosa realista corresponde ao inglês e ao alemão, em que o trabalho conjunto da equipe é a estratégia para fazer gols, que são "como a consequência pragmática de ações dominadas muitas vezes por uma causalidade previsível e, ainda assim, efetiva"; o futebol em "prosa algo estetizante" corresponde ao italiano, que ainda é coletivo, pragmático e

defensivo, mas conta com maior investimento estético; de forma geral, a característica do futebol branco Europeu é "desprezar o impulso ao drible em nome da 'prosa coletiva"; e o futebol poético corresponde ao sul-americano, principalmente o brasileiro, que valoriza o drible e todo tipo de firula, "ao mesmo tempo gratuitos e eficazes", bem como o talento individual dos atletas capazes de fazerem gols a partir de "irrupções individualistas". O gol, no futebol-poético (ou futebol-arte), pode ser, segundo Pasolini, "inventado por qualquer um e de qualquer posição" (WISNIK, 2008, p. 114-116). Segundo Wisnik, Pasolini "ressalva que a distinção entre futebol-prosa e futebol-poesia é especificamente técnica - semiológica - e não valorativa", de forma que qualquer um dos dois pode superar o outro se executado corretamente. O cineasta ainda atenta para o fato de que essa distinção - tão aguda e cuidadosamente elaborada - se desfaz na hora do gol, pois "o delírio do gol é puramente poético" e independe da natureza do discurso futebolístico que o gerou (p. 116-117). A partir do pensamento de Pasolini, Wisnik sintetiza que "o futebol é, por um lado, um discurso polêmico e não verbal, em prosa realista, que quer desembocar na poesia do gol." (p. 118). Pois, mais uma vez, o futebol se alinha à crônica, como seu correspondente não-verbal, equilibrando sempre a ambivalência entre prosa e poesia para surtir o efeito desejado: despertar a emoção no espectador ou no leitor.

Por último, retomamos os conceitos de ginga e drible para pensá-lo sob o viés da linguagem. Barthes, em sua aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França em 1977, afirma que "[...] a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer. Assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder" (BARTHES, 1977, p. 13) e argumenta que, em sua forma mais natural, a língua é assertiva, para negar, questionar, condicionar e suavizar algo utilizando a língua, precisamos recorrer a diversos modalizadores. Se não o fazemos, se deixarmos a língua no seu estado mais simples, acabamos proferindo apenas afirmações categóricas. Então como escapar ao fascismo da língua? Por meio do drible, ou nos termos de Barthes, do "logro magnífico":

Mas a nós, que não somos nem cavaleiros da fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura. (BARTHES, 1977, p. 16).

O autor afirma que somos ao mesmo tempo mestres e escravos da língua toda vez que nos utilizamos dela - ou seja, sempre, pois a linguagem humana se faz presente o tempo todo.

Na crônica, é possível observar dois tipos de drible. O primeiro está nos mecanismos adotados por cada narrador-cronista para desviar dos adversários de seu tempo, como por exemplo a censura ou a crítica. Nesse sentido, Duarte (2009) traz a interpretação de Luiz Costa Lima que identificou a ginga da capoeira na prosa de Machado, como constituinte do estilo do autor:

Em verdade, o próprio Machado já havia apontado nessa direção ao definir a atividade do cronista, por ele chamado folhetinista, como sendo o "consórcio do útil com o fútil". Conhecedor do terreno minado em que pisava e do "clima opressivo" existente no país, o escritor caramujo, como ele próprio se definiu certa vez, tratava sempre de se proteger sob a casca de um pseudônimo, e de emoldurar seu enfoque de problemas como a escravidão e outros com um jornalismo de amenidades ou de questões não controversas. (DUARTE, 2009, p. 30).

Já Drummond admite em sua crônica de despedida "Ciao", de 1984, que se utiliza também de uma forma de esquiva dos críticos, a autoironia: "[Este cronista] Procurou extrair de cada coisa não uma lição, mas um traço que comovesse ou distraísse o leitor, fazendo-o sorrir, se não do acontecimento, pelo menos do próprio cronista, que às vezes se torna cronista do seu umbigo, ironizando-se a si mesmo antes que outros o façam." (ANDRADE, 1984, p. 27). No mesmo trecho, adianta o segundo tipo de drible, que está atrelado ao uso da linguagem de maneira inusitada, literária. É o drible como firula que almeja a satisfação do leitor, assim como os jogadores almejam a do torcedor. Seguindo no mesmo texto, o cronista - e crítico da própria crônica - diferencia a crônica literária da crônica especializada e volta a falar do propósito do cronista de ser criativo e lúdico para proporcionar ao leitor um êxtase por meio do divertimento.

Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou comentários precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadiação de espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. (ANDRADE, 1984, p. 27).

Ao final do trecho, o autor ressalta que a crônica deve ser livre de qualquer facção, trazendo gratuidade ao leitor e não servindo a interesses particulares. Em outras palavras, a crônica bem realizada deve funcionar na lógica do "logro magnífico", utilizando-se do

trabalho da linguagem para, de forma simultânea e complementar, causar encantamento e esquivar-se das forças dominantes que a rodeiam.

Para Wisnik (2008), a mesma lógica deve ser aplicada ao futebol. Ao contrapor as críticas contumazes de Sebrelí ao esporte, que passam por associá-lo diretamente a múltiplos tipos de violência, real e simbólica, o autor defende que

[...] importa saber como, e, antes de mais nada, esclarecer se a sua associação com o futebol é necessária. A rigor, a lista de Sebrelí é uma relação de contingências: nenhuma delas define o futebol enquanto tal, e é possível dizer que ele só se realiza plenamente quando não está dominado por elas. A possibilidade de estarem em jogo (o fanatismo, o autoritarismo, o sexismo, a agressão, a manipulação capitalista), de forçarem o jogo, de serem catalisados, promovidos ou despertados pelo jogo, ao mesmo tempo em que negados pelo jogo, é que permite ao futebol ser um campo de conflitos simbólicos, de expressão transcultural e mundial, mais do que o deserto do espírito em que a humanidade dócil se entrega à manipulação do totalitarismo da vez. (WISNIK, 2008, p. 44).

E prossegue: "É pelo fato de lidar de maneira não verbal com o núcleo de violência que constitui as sociedades, a um tempo elaborando-o e expondo-se ao risco de trazê-lo à tona, que o futebol pôde se tornar o vínculo intrigante que atravessa todo tipo de fronteiras" (WISNIK, 2008, p. 45). Assim, potencializa-se o paralelo entre o futebol e a crônica, reconhecendo que aquele faz de maneira não-verbal, por meio do próprio estilo de jogo ou de situações que acontecem durante ele, o que esta faz por meio da manipulação da linguagem: evidenciar e elaborar processos da sociedade a que pertencem, sem, no entanto, se tornarem dominados por esses processos.

### 3 A POSIÇÃO DO NARRADOR-CRONISTA EM DRUMMOND

É consenso da crítica sobre a obra de Drummond que ele "faz lembrar o antigo significado da palavra" cronista (ARRIGUCCI, 1987, p.54), o de "expositor penetrante dos fatos" (CANDIDO, 1993a, p. 16), por acabar registrando em seus escritos inúmeros fatos históricos com rigor e precisão (ARRIGUCCI, 1987, p.54). Esta é uma característica geral da crônica drummondiana percebida facilmente pelo seu leitor e até pelo próprio autor. Os acontecimentos registrados por ele pertencem às mais diversas esferas da humanidade, como ele próprio retoma em sua última crônica, "Ciao", dizendo que

Assistiu, sentado e escrevendo, ao desfile de 11 presidentes da República, mais ou menos eleitos (sendo um bisado)[...]. Viu de longe, mas de coração arfante, a Segunda Guerra Mundial, acompanhou a industrialização do Brasil, os movimentos populares frustrados mas renascidos, os ismos de vanguarda que ambicionavam reformular para sempre o conceito universal de poesia; anotou as catástrofes, a Lua visitada, as mulheres lutando a braço para serem entendidas pelos homens; as pequenas alegrias do cotidiano, abertas a qualquer um, que são certamente as melhores. (ANDRADE, 1984, p. 27).

É curioso notar a ausência do futebol nesta lista, visto que Drummond viveu também nove Copas do Mundo e escreveu sobre cada uma delas, mais de uma vez inclusive sobre a maioria, além de comentar - e documentar, portanto - outros eventos relacionados ao esporte, de maior ou menor importância, como jogos entre clubes, entrevistas e declarações de personalidades do esporte e discussões sociopolíticas relacionadas ao futebol. O narrador-cronista não citar o futebol como tema de sua imensa produção ao avaliá-la retroativamente na sua crônica de despedida pode ser considerado um indicador da significância que o esporte tem para ele, ou melhor, da falta dela.

Todavia, Drummond não é cronista apenas nesse sentido mais antigo. Pelo contrário, seu esforço ao escrever parece ser o de compreender os fenômenos que observa no dia-a-dia de seu país. Dessa forma, vai muito além de expor fatos, comentando-os e muitas vezes tentando interpretá-los. Talvez por isso, Candido defenda que Drummond "não é um cronista no sentido estrito, como são Rubem Braga, ou Rachel de Queiroz e Fernando Sabino quando fazem crônica. O que ele próprio chama assim são escritos de latitude maior [...]" (CANDIDO, 1993a, p. 14) que levam Candido a classificá-lo como um ensaísta. Arrigucci (1987, p. 63) expõe que "a partir de 1930 aproximadamente, 'a crônica se convertia num meio de mapear e descobrir um país heterogêneo e complexo, largamente desconhecido de seus próprios habitantes, caracterizado pelo desenvolvimento histórico

desigual [...]” e este parece ser precisamente o movimento do narrador-cronista de Drummond. O cronista tem ainda o objetivo de divertir o leitor, e este talvez seja o mais fundamental objetivo, que está no cerne da crônica moderna. Para alcançá-lo, Candido traz uma espécie de fórmula ideal, afirmando que

A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, na qual entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma. (CANDIDO, 1993b, p. 24-25).

Muito embora o próprio Drummond tenha dito em entrevista a O Estado de S. Paulo, em 1985, que sua intenção com as crônicas era distrair com "possível bom-humor" o leitor em meio a tantas notícias "tremendas" que ocupavam as páginas do jornal, é possível encontrar em muitas de suas crônicas um conteúdo engajado e aguçadamente crítico. Pode-se dizer então que esse afastamento da crítica política se dá mais pelo tom da crônica, que, repleta de humor, parece descontraída ao tratar de assuntos graves como as crises políticas do país. Em relação às crônicas que abordam o futebol, em mais de uma delas o cronista, para cumprir tanto com o humor quanto com a crítica, escala personalidades do esporte para ocuparem cargos públicos, defendendo, ironicamente, que a solução para a política nacional, seria exatamente a mesma que trouxe glória para a seleção de futebol nacional, como em "Brasil vitorioso na Copa terá solução democrática" (ANDRADE, 2014, p. 103).

Candido (1993b) sintetiza também os méritos da crônica bem escrita:

Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor (CANDIDO, 1993b, p. 24).

No caso dos escritos de Drummond sobre futebol, a singularidade muitas vezes se apresenta como crítica por meio da ironia ou como um intenso estranhamento diante de situações que para a maioria das pessoas seriam banais. O insuspeitado é o deslocamento que o narrador-cronista sente constantemente em relação não só aos ocorridos do cotidiano, mas também às pessoas em geral. A crônica "Enquanto os mineiros jogavam" é uma das primeiras de Drummond a falar sobre o futebol. Publicada em Minas Gerais ainda em 1931, ela apresenta esse estranhamento do narrador que tem muita dificuldade em compreender como seus "patrícios" ficam tão extasiados e indignados com um jogo de futebol que sequer estão vendo, mas sim acompanhando pelo telefone. Nesta crônica, o

narrador já reconhece que há algo de patriótico na reação da multidão em relação ao futebol, mesmo que não se trate de um jogo de seleções, pois "dois mil mineiros" estavam unidos torcendo pelo sucesso de seus onze conterrâneos que duelavam contra um time do Rio de Janeiro. É possível notar também que o narrador já apresenta distanciamento afetivo do futebol, mas, neste princípio da jornada de cronista, ainda consegue oferecer alguma admiração ao esporte:

Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do center-half investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação.

Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de visão, deixa-me frio e silencioso. (ANDRADE, 2014, p. 14).

Admiração essa que com o tempo vai perdendo espaço para o ceticismo e a ironia, que se apresentam cada vez mais secos. Ao final da crônica, o narrador encerra com um toque humorístico mais direto quando um senhor anônimo da multidão o confronta, completando a sensação de desconforto e falta de pertencimento que permeia todo o texto: "O senhor está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada?" Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e de entusiasmos; e fugi." (ANDRADE, 2014, p. 14). A partir dessa crônica percebe-se que o futebol já estava consagrado como fenômeno cultural no Brasil mesmo antes do Brasil se consagrar no futebol, visto que a crônica é de 1931 e, portanto, anterior a todos os títulos mundiais do Brasil, no entanto, já contava com grande adesão dos brasileiros.

As crônicas "Celebremos" (1958) e "Mané e o sonho" (1983) formam uma espécie de moldura para tudo que ocorre envolvendo o Brasil no campo da política e do futebol entre a publicação de uma e de outra. A primeira, publicada no *Correio da Manhã*, começa falando da perfeição da conquista da Copa do Mundo pela seleção brasileira, e, por mais que conte com um eco irônico sempre presente, tem inegáveis otimismo e alegria nas suas palavras. Ambos pela conquista da taça, mas mais direcionados ao futuro do país que parecia promissor, desde que as virtudes apresentadas na campanha da seleção, a saber "as discutidas e negadas capacidades brasileiras de organização, de persistência, de resistência, de espírito associativo e de técnica", fossem transferidas para a vida cotidiana dos brasileiros. Este sentimento culmina no trecho "dá à gente um certo prazer matinal de ser brasileiro, menos por haver conquistado a Taça Jules Rimet do que por havê-la merecido."

(p. 26). Essa crônica evidencia uma questão que é delicada para os brasileiros desde os tempos de Machado, como comenta Wisnik (2008, p. 171):

A crônica machadiana toca, a seu modo, num complexo recorrente no imaginário brasileiro, o da pendulação entre a ambição de grandeza máxima e a impotência infantilizada de um povo periférico e anarcóide. Digamos que o futebol, no século XX, tornou-se a arena principal dessa síndrome, o seu maior campo de provas, ao mesmo tempo em que um lugar privilegiado da sua elaboração. É um documento monumental desse balanceio fragoroso a própria construção do Maracanã, o maior estádio do mundo, inseparável do "complexo de vira-latas" (expressão famosa de Nelson Rodrigues que descreve a incapacidade doentia de aceitar a própria potência). Tudo isso implode no fracasso de 1950, a derrota para o Uruguai na final da Copa do Mundo realizada no Brasil. Esse colossal Titanic caboclo, que Nelson Rodrigues vê também, numa hipérbole ao seu estilo, como a nossa "Hiroshima" psíquica, é redimido espetacularmente pelas conquistas de 58, 62 e 70, sem que isso venha a sanar, propriamente, no plano do imaginário coletivo, as instáveis reversões da potência à impotência, e vice-versa.

No outro extremo, temos a trágica "Mané e o sonho", publicada no *Jornal do Brasil*, em que predomina o tom de desilusão do narrador-cronista quanto à potência do Brasil que, mesmo tendo se consagrado no futebol com três vitórias em Copas do Mundo, não obteve o mesmo sucesso no seu desenvolvimento sócio-político, tendo sido palco inclusive de uma truculenta ditadura. Em contraste com o início elogioso de "Celebremos", este texto abre com uma constatação grave e extremamente crítica quanto ao lugar do futebol na sociedade brasileira: "A necessidade brasileira de esquecer os problemas agudos do país, difíceis de encarar, ou pelo menos de suavizá-los com uma cota de despreocupação e alegria, fez com que o futebol se tornasse a felicidade do povo.". Em seguida, o narrador rememora o otimismo de outrora proporcionado pelos ídolos do futebol. No entanto, centra sua reflexão na imagem de Garrincha e no quanto, por mais que tenha tido seu tempo de grandeza e feito milhares de brasileiros sorrirem por meio de seu "logro magnífico" que se dava aparentemente sem esforço, teve um final triste como um "pobre e pequeno mortal". A trajetória de Garrincha parece espelhar a do Brasil, ambos bem sucedidos no futebol, mas, no final, acometidos por tristezas e problemas agudos. Por fim, o narrador arremata a reflexão com "O pior é que as tristezas voltam, e não há outro Garrincha disponível. Precisa-se de um novo, que nos alimente o sonho." (p. 154), o que é uma declaração arrasadora, pois este sonho não se concretizou com o primeiro Garrincha, então parece muito improvável que fosse diferente caso houvesse outro Garrincha. Se somarmos ao início da mesma crônica, acabamos com uma proposição nefasta: a de que "os problemas agudos do país" não têm mesmo solução, então resta a nós brasileiros nos aliviarmos apenas momentaneamente, driblarmos estes problemas como Garrincha fazia com seus

adversários. Contudo, justamente quanto ao talento de Garrincha, há um resistente fio de admiração, similar àquele em "Enquanto os mineiros jogavam", que aparece quando o narrador elogia as habilidades de Mané, jogador que ilustra como "o corpo humano pode ser instrumento das mais graciosas criações no espaço" inclusive desafiando as leis da física e assim provocando os sorrisos de quem as testemunha.

"Qualquer leitor percebe que em Drummond, como aliás ocorre nos cronistas, a crônica é pretexto para pequenas criações ficcionais, escorregando não apenas para sketches, mas para verdadeiros contos [...]" (CANDIDO, 1993a, p. 18) como é o caso de "O importuno", publicada no *Correio da Manhã*, em 1966. Nesta crônica, temos o desenrolar de uma cena extremamente cômica, diálogo entre um homem que foi à repartição buscar um documento de que precisava e o funcionário da respectiva repartição. O homem demora a ser atendido: "A muito custo, atenderam; isto é, confessaram que não podiam atender, por causa do jogo com a Bulgária". (O jogo era da seleção brasileira, durante a copa de 1966.) A crônica segue então somente por falas de um e de outro. O homem sem entender por que o jogo impediria o devido funcionamento da repartição, enquanto o funcionário tenta argumentar sobre a gravidade da situação e seu impacto na vida dos torcedores/funcionários. A crônica, com ironia marcada pela radicalidade dos funcionários da repartição nos seus argumentos, mas ironia que gera comicidade, retrata a alienação da vida cotidiana gerada pelo futebol, a ponto dos torcedores se verem inaptos a desempenhar suas funções do dia-a-dia enquanto estiverem envolvidos com a Copa do Mundo, sendo que seu envolvimento é passivo. Essa alienação começa num nível pequeno, mas já absurdo para o importuno "Perdão, o jogo vai ser logo mais, às quinze horas. É meio-dia, e já estão torcendo?" (p. 50), depois cresce no alerta do funcionário de que o homem não volte à repartição em nenhum dia em que houver jogo, e atinge o ápice (ou o vale) quando, por fim, pede que ele "seja razoável" e só volte depois não do final da Copa, mas depois da *comemoração* do tricampeonato brasileiro. Há ainda na crônica a comparação do jogo do Brasil contra a Bulgária com uma guerra assim como Galeano faz em "La guerra danzada", afirmando que o futebol é "ritual sublimación de la guerra" em que os jogadores são defensores de sua nação (no caso de jogo entre seleções, como apresenta a crônica), as bolas chutadas a gol são bombardeios e a área, em frente ao gol, é a "zona de peligro" e o jogador que sofre falta é uma vítima. Essa atmosfera culmina quando a arquibancada grita ao jogador ainda caído no chão "!Que se muera!".

(GALEANO, 2014, p. 18). Outro elemento representado na crônica é a coletividade da torcida pela seleção, que gera identificação nacional e cujo cúmulo é a oposição dos "interesses da pátria" (dos torcedores brasileiros) à individualidade do importuno.

O ponto chave desse texto é a inversão do conceito de "alienado" feita pelo funcionário ao referir-se assim ao homem que não está envolvido com o jogo do Brasil contra a Bulgária, mas sim com o seu papel. A esse respeito, Wisnik (2008, p.176) traz a comparação de Flusser da alienação do proletariado europeu com a do brasileiro em relação ao futebol. O autor afirma que na europa, essa alienação é a simples fuga ao trabalho, escape da realidade e de seus processos políticos, históricos e econômicos, já no Brasil,

[...] o futebol acaba por constituir-se segundo Flusser numa fuga paradoxal, num exílio do exílio que se transforma em realidade absorvente e transbordante para toda a vida social. Na visão de Flusser, não se trataria, assim, de uma simples operação de fuga à realidade, que faz esquecer-la, mas da construção de uma realidade própria [...] (WISNIK, 2008, p. 176)

e que, se tratando de uma nova realidade construída, não se aplicaria o termo de "alienação" ao processo dos brasileiros em relação ao futebol. Flusser amplia a provocação abrindo a possibilidade de interpretação da não-alienação brasileira como engajamento, como se negando uma existência condicionada ao trabalho em prol de viver o jogo, o brasileiro resistisse às imposições da economia que o domina e colocasse a arte - gratuita - acima da "verdade" (WISNIK, 2008, p. 177). Drummond representa a primeira parte desse pensamento nessa inversão do posto de alienado feita pelo torcedor, mesmo que o narrador-cronista não concorde com ela. Quanto à proposição utópica de Flusser, o narrador não poderia estar mais distante, como evidenciam bem as crônicas analisadas anteriormente, especialmente a "Mané e o sonho".

Finaliza-se a crônica com o importuno sendo expulso da repartição por um coro de funcionários-torcedores:

Vozes indignadas:  
 — Fora! Fora!  
 O servente sobe na cadeira e comanda o coro:  
 — Bra-sil! Bra-sil! Bra-sil!  
 Estava salva a honra da torcida, e o importuno retirou-se precipitadamente.  
 (ANDRADE, 2014, p. 51)

Até a frase final, parece ao leitor que o narrador-cronista é o próprio "importuno", pois só ali marca o distanciamento se referindo ao homem na terceira pessoa. Ainda assim, a

última frase soa irônica, de forma que aproxima o narrador-cronista da figura do importuno e o afasta da dos torcedores.

A partir das quatro crônicas analisadas, fica evidente a variedade de usos que Drummond faz do seu lugar de cronista. Ele consegue realizar crônicas mais próximas ao modelo do gênero, como as duas primeiras, em que o narrador-cronista parte de um acontecimento do cotidiano ou histórico para tecer uma reflexão mais complexa sobre algum aspecto da humanidade de forma leve e bem-humorada, mesmo que para isso conte com a ironia. Também consegue afastar-se dessa "fórmula" e produzir uma crônica de tom grave, ainda que sua linguagem permaneça leve. Pode também levar a ficcionalização ao limite, quase eliminando a figura do narrador. E é bem sucedido em todas essas elaborações, pois, pelo trato singular da linguagem, emociona o leitor, lhe desperta a humanidade, geralmente pelo riso, mas não só por ele. Entretanto, independentemente da forma escolhida para a crônica, seu narrador-cronista mantém algumas características comuns em todas elas, o que configura mais um sucesso do autor no gênero da crônica. Afinal, sendo quase unívoco, o narrador passa mais credibilidade e confiança ao leitor, que se sente mais próximo do texto e até mesmo do autor, como se o conhecesse, pois a linha que separa narrador e autor, na crônica, é tênue, tornando possível a confusão entre as duas figuras.

No caso das crônicas sobre futebol de Drummond, o narrador, salvo poucas exceções, parece de fato ser o mesmo: aquele indivíduo resguardado das multidões, que analisa o futebol e seus efeitos no mundo e nas pessoas, sem, no entanto, sentir tais efeitos da mesma forma que seus pares. Em vez de êxtase e indignação diante de uma partida de futebol, o que o narrador-cronista sente é curiosidade e espanto. Onde a maioria dos brasileiros encontra coletividade e identificação, este narrador encontra-se deslocado. Ele pode até admirar uma jogada bem executada, ou um drible improvável, mas sempre com distanciamento afetivo, como alguém que observa a beleza de uma fruta madura, mas nunca a morde, e, portanto, desconhece a delícia de seu sabor. Da mesma forma, o narrador-cronista das crônicas de Drummond analisa profundamente o futebol, mas, por escolha ou incapacidade, não o vive.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica se constitui através da ocupação de um espaço do jornal, o rodapé, em que as variedades entravam junto com o romance de folhetim. É parte, e até resultado, da imprensa periódica, um empreendimento moderno dirigido às massas urbanas. Ao se aclimatar no Brasil, o espaço dedicado às observações autorais de um escritor sobre a realidade diária vai ganhando a feição que, depois, vai ser caracterizada como um gênero *brasileiro*. O futebol, por outro lado, criado pela e para a alta burguesia inglesa, não era dirigido às massas, mas foi tomado por elas, difundindo-se como um esporte popular. Apesar de se diferenciarem as trajetórias do futebol e da crônica nesse aspecto, de certo modo, como vimos, se aproximam pelo processo da aclimação. Como esporte moderno, o futebol chegou no Brasil através de clubes de elite, mas também se popularizou e se *abrasileirou*.

O poeta modernista, de *Alguma Poesia* a *Rosa do Povo*, é também modernista em sua prosa, por aderir aos aspectos *informais* da crônica, em que a humilde coloquialidade predomina (tanto no registro da linguagem quanto na escolha dos temas). Ao tratar da realidade brasileira, o futebol se impôs ao cronista como assunto, mas não como paixão, o que resultou no seu olhar exterior, de alguém que viu - com muito ceticismo - o esporte se transformar em fenômeno de massa no Brasil. Trata-se de um cruzamento curioso, de um olhar distanciado, que, de forma ambivalente, traz a gíngua para os trejeitos da linguagem do narrador-cronista, mas que mantém a ironia perante o drible de Garrincha.

Ao longo da elaboração deste trabalho, alguns desdobramentos se apresentaram como possíveis complementos à discussão feita. No entanto, não foram explorados devido aos limites do próprio trabalho.

Um dos caminhos possíveis, seria fazer uma comparação de algumas crônicas sobre futebol de Carlos Drummond de Andrade com crônicas sobre o mesmo tema de Nelson Rodrigues, pois estas trazem o contraponto da posição do narrador-cronista de Drummond. Nelson escreve mais sobre o futebol na posição de torcedor - não só como entusiasta do esporte, mas também como fanático do seu clube do coração: o Fluminense.

Enquanto Drummond acaba escrevendo mais sobre os arredores do futebol do que sobre a matéria do esporte em si, Nelson, por vezes, se refere em seus textos a episódios de jogos específicos. A crônica de Drummond não se caracteriza, portanto, como crônica esportiva, é crônica que aborda o futebol, mas não é propriamente sobre o jogo, e sim sobre suas implicações para o Brasil e para os brasileiros. Dessa forma, enquanto Nelson é um exemplo de autor que vive o futebol, percebendo-o de dentro, Drummond o observa de fora e analisa com um ceticismo que cresce com o tempo e uma forte ironia, algo impossível para os torcedores apaixonados.

Um complemento que parece tanto relevante quanto produtivo é o de incluir a música popular brasileira na discussão das relações e das similaridades que a crônica, o futebol e a capoeira compartilham. Wisnik abre esse caminho ao comparar o drible do futebol com a síncopa na música popular brasileira, deslocamento rítmico resultado da combinação do ritmo quadrático europeu com ritmos africanos que funcionam em lógica diferente, de forma que, na execução da música, os acentos não coincidem com o tempo forte. Wisnik chega a mencionar João Gilberto como representante deste fenômeno na MPB, aproximando-o do debate.

Uma curiosidade que fica também é a de entender o que fez o futebol ser tão bem aclimatado no Brasil, em detrimento de tantos outros esportes, considerando que em alguns desses outros haveria também espaço para o desenvolvimento do drible; ou ainda que poderia surgir um outro fenômeno e/ou estilo, equivalente ao drible e ao futebol-arte, igualmente brasileiros dentro da mecânica de outro esporte. Este questionamento abre imediatamente para outro: o Brasil moldou o futebol-arte como conhecemos? Ou ele existiria igual sem o Brasil, só encontrou um território frutífero para sua realização aqui? E, retornando à popularização do futebol, mas dessa vez ampliando o foco, seria interessante também elaborar melhor o porquê de ele ter se difundido com força também em tantos outros países, de forma que temos a cada quatro anos uma celebração global do futebol disputada entre nações, não entre clubes ou atletas representantes de instituições privadas: a Copa do Mundo. Evento que se alterna com as Olimpíadas, disputa também entre nações, mas que abriga vários esportes, inclusive uma modalidade de futebol. Norbert Elias, em *A busca da excitação*, começa a investigar esse fenômeno, mas mantém seu olhar direcionado principalmente para a Europa, não chegando no Brasil. Elias (1985, p. 71) elabora que "os espectadores de um jogo de futebol podem saborear a excitação

mimética de um confronto entre duas equipas, evoluindo de um lado para o outro, no terreno de jogo, sabendo que nenhum mal acontecerá aos jogadores, nem a si mesmos." e que a tensão causada por esse risco, que não é risco real, é por isso ao mesmo tempo que tensiona, dá certa segurança, causa excitação e diverte os espectadores. Esta análise, embora precisa e coerente com o que se observa na realidade, explica em parte o apelo de muitas atividades, por meio da noção de que hajam "tensões boas", buscadas pelas pessoas no lazer (ELIAS, 1985, p. 142), como o próprio autor explica, desde o teatro até um bebê sendo jogado pro alto e pegado novamente pelo pai, mas não dá conta ainda do motivo específico da difusão do futebol.

Por último, a trajetória que mais interessaria a autora: analisar como os elementos trazidos e relacionados no presente trabalho poderiam funcionar no contexto de sala de aula, sobretudo no ensino básico. Seria a aliança entre futebol e crônica um caminho para a aproximação entre a literatura e os alunos que resultaria na formação de leitores na escola? Poderiam o futebol, com sua ainda fortíssima presença no imaginário coletivo brasileiro e na vida cotidiana e a crônica, sua contraparte literária, auxiliar a escola a cumprir uma de suas funções (ou até missões) fundamentais?

Todos esses pontos ficam como convites, tanto para a própria autora, quanto para quem quiser se aventurar por qualquer um dos caminhos propostos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. "Ciao". **Jornal do Brasil**. Caderno B, p. 27. Rio de Janeiro, 29 set. 1984. Disponível em:  
<<https://news.google.com/newspapers?id=15geAAAAIBAJ&sjid=DcwEAAAAIBAJ&pg=6244%2C4019081>>. Acesso em: 14 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ARRIGUCCI, Davi. **Fragmentos sobre a crônica**. In: Enigma e Comentário. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

BARRERO, Marcos. Drummond. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 set. 1985. Geral. p. 31. Disponível em:  
<<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19850901-33897-nac-0031-999-31-not>><sup>1</sup>. Acesso em: 7 mai. 2021.

BARTHES, Roland. **Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França**. 14. Ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993b. p. 23-29.

\_\_\_\_\_. Drummond prosador. In: **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993a. p. 11-19.

\_\_\_\_\_. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 14 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. **A capoeira literária de Machado De Assis**. Machado de Assis em linha, v. 2, n. 3, p. 27-38, 2009. Disponível em:  
<[http://machadodeassis.net/revista/numero03/rev\\_num03\\_artigo03.asp](http://machadodeassis.net/revista/numero03/rev_num03_artigo03.asp)>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial Lda., 1985.

GALEANO, Eduardo. **El fútbol a sol y sombra**. 3 ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

REBELO, Gilson. Carlos Drummond de Andrade: A busca da poesia é a busca do prazer. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 28 abr. 1985. Cultura. p. 153-156. Disponível em:  
<<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19850428-33790-nac-0153-cul-1-not>>. Acesso em: 7 mai. 2021.

---

<sup>1</sup> Trecho referido completo disponível em:  
<[http://www.projotomemoria.art.br/drummond/vida/jornais\\_a-literatura-nos-jornais.jsp](http://www.projotomemoria.art.br/drummond/vida/jornais_a-literatura-nos-jornais.jsp)> Acesso em: 7 mai. 2021.

SANTOS, Dario José dos; SILVA, Tomás Soares da. **#8 Diz aí, mestre** - Manha. 2018<sup>2</sup>. (4m18s). Revista Piauí. Disponível em: <<https://youtu.be/rBJFDjHRrhg>>. Acesso em: 19 mai. 2021

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

---

<sup>2</sup> Vídeo publicado em 25 jun. 2018. Vídeo data o dia 30 de set. 1997.